

## **DIVERSIDADE TERRITORIAL E REGIONALIZAÇÃO: UMA REFLEXÃO CONCEITUAL**

### **META**

Apresentar as principais características, processos deposicionais, morfologia e classificação dos leques ou cones aluviais.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
explicar as bases conceituais estabelecidas para o contexto da diversidade territorial e como isso contribui para entender o que é regionalização.

### **PRÉ-REQUISITO**

Ter cursado a disciplina Organização do Espaço Mundial.



(Fontes: <http://capeiaarraiana.files.wordpress.com>)

### INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a),

Você que já teve a oportunidade de estudar e compreender os conteúdos postos nas quatro primeiras aulas e que já deve ter estudado as diversas formas e critérios estabelecidos para dividir o mundo, principalmente na disciplina Organização do Espaço Mundial, vai perceber, nesta aula, que o mundo não é homogêneo e, por isso mesmo, merece a nossa atenção para entender porque é necessário discutir as bases conceituais que fundamentam cada termo e cada ação aqui apresentada. Atualmente, a questão regional retoma sua força não somente na Geografia, mas também nas Ciências Sociais de uma forma geral, em função de diversos debates no ambiente acadêmico e em função da proliferação de regionalismos, identidades regionais e de novas-velhas desigualdades tanto no âmbito global como no internacional.

Segundo Haesbaert (1999: 15-16), apesar da propalada globalização homogeneizadora, o que vemos concomitantemente é uma reconstrução da heterogeneidade e da fragmentação via novas desigualdades e recriação da diferença em todos os cantos do planeta. [...] A relevância da questão regional não está ligada apenas à realidade concreta que mostra uma nova força das singularidades, um revigorar dos locacionismos/regionalismos e das desigualdades espaciais.

Como iremos perceber, o desenvolvimento deste conteúdo é uma revalorização do aspecto regional que estará embutida diretamente na ação da chamada globalização, que, de acordo com o pensamento de muitos, sucumbiria esta temática e esta prática tão peculiar ao fazer geográfico. Tomando como base este pensamento, recorreremos mais uma vez a Haesbaert (1999: 16), que afirma: “para alguns, uma nova valorização do regional, ainda que ele seja entendido de maneiras as mais diversas. Para alguns, uma nova valorização do regional aparece no próprio bojo da globalização dos mercados e das comunicações, o regional aí sendo interpretado como uma revalorização do singular, da diferença: para outros, a nova regionalização seria um contraponto à globalização, via criação de grandes uniões comerciais – como se os mercados comuns não estivessem inseridos numa articulação crescente aos circuitos globais da economia capitalista”.

Sendo assim, reconhecemos a importância de estudar e de compreender o conteúdo evidenciado no título desta aula: Diversidade Territorial e Regionalização: Uma Reflexão Conceitual. É algo pertinente e atual e certamente contribuirá para a compreensão dos conteúdos que serão estudados nas aulas seguintes. Teoricamente, não devemos deixar de reconhecer, nas últimas décadas, a amplitude da questão: regionalismos, identidades regionais e/ou regiões são ou foram abordados não só por diversas áreas do

conhecimento científico, como a Ciência Política, a Economia Regional, a Sociologia, a Antropologia e a História Regional, mas também pelas áreas ligadas às Ciências Naturais, em que começam a surgir conceitos como o de “bio-região”, numa correspondência entre “identidade física e cultural”. Na Geografia, em várias partes do mundo e principalmente naqueles países onde as principais escolas geográficas surgiram, esta é uma temática revestida de importância singular tanto no passado quanto no presente e certamente no futuro.

Estudaremos a seguir este conteúdo, mas sem, no entanto, deixarmos de considerar o que nos propõe Milton Santos (2004: 9): “A globalização conseguiu materializar a metafísica, mediante o papel desempenhado pela ciência e pela técnica na produção das coisas. Há uma materialização física e uma realização primitiva, embora sofisticada, da ideologia. Tudo é ideológico. Estamos dentro de um mar de ideologias. Tudo é produzido a partir de uma ideologia, mas as coisas não aparecem como tal. Somos cercados por coisas que são ideologia, mas que nos dizem ser a realidade. Isso nos constrange, porque forma um sistema muito forte; e qualquer discussão que indique ser aquilo ideológico é desqualificada”.

## O SIGNIFICADO DO ATO DE REGIONALIZAR

Antes de estudarmos as bases que envolvem a diversificação do espaço geográfico contemporâneo, é importante recorrermos aos conteúdos abordados nas duas primeiras aulas, como forma de recordar e rever as raízes da análise regional e do conceito de região, de acordo com algumas das linhas teóricas até então focalizadas pela Geografia. Para isso, lembre-se dos clássicos responsáveis pela operacionalização do conceito de região na Geografia, especialmente Paul Vidal de La Blache, Carl Sauer e Richard Hartshorne. Todos estes, de forma distinta e particular, enfatizaram a diferenciação de áreas como questão fundamental para o trabalho do geógrafo.

No conteúdo já exposto, percebemos que, enquanto La Blache via a região como “algo vivo”, uma “individualidade” ou mesmo uma “personalidade geográfica”, Hartshorne a encarava como um “constructo intelectual” e que, como tal, poderia variar em sua delimitação de acordo com o objetivo do pesquisador. Sauer, com seu racionalismo, parece ficar a meio caminho entre os dois já citados, pois buscava na Geografia Regional uma morfologia da paisagem que não se preocupava apenas com o único, o singular, mas também com a comparação dessas paisagens individuais, num sentido corológico pleno, isto é, a ordenação de paisagens culturais.

Considerando o que está posto por Haesbaert (1999: 19-20), um dos problemas centrais levantados pela questão regional no âmbito acadêmico refere-se à busca da síntese entre múltiplas dimensões do espaço geográfico.

Síntese esta que, sem ser exaustiva, está vinculada à produção de uma singularidade coerente capaz de delimitar uma porção contínua e relativamente estável do espaço. Ainda de acordo com ele, podemos perceber que, na prática, La Blache foi aquele que conseguiu maior sucesso nesta empreitada, pois a maioria dos geógrafos acabou priorizando uma dimensão do espaço: seja a dimensão natural, nas regionalizações do século XIX; a dimensão urbano-econômica, nas regiões funcionais; ou a dimensão política, mais recentemente enfatizada no vínculo região-regionalismo.

Diante disso, cabe a uma Geografia Regional renovada recuperar o sentido dos recortes espaciais tanto a partir de sua inserção desigual em movimentos mais globalizados quanto a partir da recriação de singularidades que lhes dão um caráter próprio. Smith (1988), por sua vez, afirma que se pode ver a formulação regional como um compromisso geográfico entre equalização e diferença e entre fixidez e fluidez no espaço.

Considerando e integrando todo esse conteúdo apresentado, podemos dizer que regionalizar não é simplesmente recortar o espaço a partir de parâmetros genéricos, quantitativos, diferenças de grau com faixas de renda, produto interno bruto, fluxos comerciais etc. Deve envolver igualmente as diferenças de natureza como aquelas de ordem mais estritamente cultural. Partimos então do pressuposto de que a diversidade territorial, como fundamento para a regionalização em seu sentido mais geral, manifesta-se sob duas grandes formas:

- A produção de particularidades, do desigual (diferenças de grau), que vincula os espaços em distintas escalas;
- A produção de singularidades, do específico (diferenças de natureza), em geral, mas não exclusivamente, de base local e sem correlação obrigatória com realidades geográficas em outras escalas.

Essas duas manifestações, segundo Haesbaert (1999: 24), embora participem de um jogo complexo de articulações mútuas na permanente transformação dialética da quantidade em qualidade, estão vinculadas a dois processos no bojo da des-ordem sócio-espacial contemporânea:

- O aviltamento das desigualdades pelo capitalismo global altamente seletivo e, portanto, excludente;
- O reafirmar das diferenças por movimentos sociais baseados no resgate ou reconstrução de identidades (religiosas, étnicas, nacionais etc.).

Conforme as análises sobre a temática feitas por Ana Clara Torres Ribeiro em seu artigo “Regionalização: Fato e Ferramenta”, a noção de regionalização é nitidamente polissêmica. O termo refere-se, mais do que à efetiva existência de regiões, à capacidade de produzi-las, o que inclui o acionamento de ideologia, com apoio, por exemplo, em dados da paisagem, valores culturais compartilhados ou critérios político-científicos que legitimem fronteiras e limites. O reconhecimento de regiões fundamenta-se na naturalização de relações sociais, baseada em processos que ocultam diferenças e interesses.

É necessário salientar que a estratégica conjugação entre regionalização como fato e regionalização como ferramenta, trazida pela presentificação, envolve as seguintes mudanças:

- Aumento da flexibilidade e da influência da ação instrumental na formulação da questão regional, o que traz mudanças significativas nos arranjos institucionais responsáveis pela regionalização;
- Intensificação dos vínculos entre território, economia e política, conforme propõe Haesbaert ao ressaltar as diferentes modalidades de territorialização da ação social.

Com base nessas mudanças, podemos dizer que realmente a problemática da regionalização tem duas faces instavelmente conectadas. Na primeira, regionalizam-se atores, interesses e instituições e, na segunda, atores, interesses e instituições reconhecem, valorizam e formalizam regiões.

A fim de compreendermos o que está posto, podemos elencar alguns processos para uma possível reflexão e ação:

1. O atual predomínio do pensamento estratégico, do qual o chamado planejamento estratégico é uma das manifestações mais instrumentais;
2. O nível de desnaturalização alcançada na questão regional, cujas causas encontram-se em mudanças na ação hegemônica e nas reivindicações sociais que visam ao resgate de identidades culturais desvalorizadas pela modernização;
3. A crise do planejamento territorial implementado pelo Estado, em decorrência da globalização da economia, da reestruturação produtiva e da disputa da ação planejadora por grandes agentes econômicos e agências multilaterais de desenvolvimento;
4. Os avanços na técnico-ciência, que modificam a identificação de recursos e conteúdos da inovação.

Ao considerarmos tudo isso, é possível afirmar que a região converte-se não só em uma expressão espacial dos interesses e das práticas de distintos agentes, mas também da influência exercida por diferentes esferas da vida coletiva. Com esta colocação sobre região, cabe-nos questionar: o que é regionalizar? Quais são os atos que permitem a regionalização mais contemporânea e calcada em bases mais avançadas?

Para responder a estas perguntas, vamos considerar a nossa compreensão sobre o que já estudamos até agora. Logo, afirmamos que o ato de regionalizar compreende a institucionalização de fronteiras e limites, com vistas na implementação de uma determinada ação analítica, política, econômica, enfim, social. Trata-se de definição do cenário, do contexto e da escala correspondentes aos objetivos da ação implementada ou pretendida. Regionalizar envolve: espaço-tempo-ação social e, portanto, sujeitos e conflitos sociais.

De fato, regionalizar pressupõe poder de duas naturezas distintas: em primeiro lugar, o poder de criar e estabelecer formas espaciais, e, em segundo lugar, o poder de institucionalizar estas formas (e garantir a permanência).

Enquadram-se nesse procedimento tanto a construção da região quanto as diferentes regionalizações que permitem a sua consolidação.

E na prática, como tudo isto fica arrumado? No dia a dia, na ação do poder público, como podemos identificar as referidas características?

Se considerarmos o que foi construído em momentos históricos distintos no mundo, de uma forma geral, o que aconteceu no passado, principalmente antes da Primeira Guerra Mundial, os propósitos da região e da regionalização eram totalmente distintos do que está estabelecido na contemporaneidade, sobretudo na chamada “Era da Globalização”, no século XXI.

Na Geografia Contemporânea, os propósitos ligados diretamente à análise das paisagens naturais prevaleceram até algumas décadas atrás. Na atual conjuntura, as características sociais não podem ficar fora do ato de regionalizar nem tampouco do embasamento conceitual de região.

### CONCLUSÃO

A regionalização, no atual período histórico, envolve a permanente disputa entre atores sociais e agentes econômicos por recursos que permitem garantir a preservação das fronteiras desejadas. Desta luta resulta a redefinição das arenas e dos atores da regionalização, na medida em que crescem os confrontos entre atos regionalizadores e não apenas entre regiões.

As atuais características do ato de regionalizar podem ser associadas aos impulsos de hipermodernidade, o que impõe a valorização analítica dos elos entre regionalização e racionalização das relações sociais. Os vínculos entre regionalização e a ação estratégica têm distintos significados para diferentes atores sociais, como se verifica a seguir.

Para o Estado, a regionalização guarda os seguintes sentidos fundamentais:

1. A determinação da qualidade da relação mantida com agentes econômicos, incluindo as apropriações estratégicas de recursos territorializados e as articulações com forças políticas com capacidade de formular a questão regional.
2. A determinação da relação com a sociedade, sobretudo no que concerne à distribuição espacial de investimentos, a prestação de serviços e a busca de legitimidade no exercício do poder, como estuda a Geografia Eleitoral.
3. A determinação da relação com os atores sociais e forças políticas, o que inclui pactos associativos que sustentam o alargamento de fronteiras (Exemplo: O Mercosul).

Para as grandes corporações, a regionalização representa:

1. A garantia de acesso excepcional a recursos raros;

2. A possibilidade de influenciar a atuação de governos;
3. A criação de complementariedades indispensáveis à produção;
4. O controle territorial que assegura investimentos e lucratividade, reduzindo a incerteza característica do mercado globalizado;
5. O alcance de condições (únicas) de produção, mediante o uso monopolista do território.

Por fim, para a ação empresarial em geral, a regionalização significa: criação de nichos de mercado e possibilidade de determinação de regras para a organização do trabalho e do consumo.

## RESUMO

Nesta aula, estudamos a importância de conhecer as bases e as características mais fundamentais que envolvem tanto a região como a regionalização. Para analisarmos as características postas historicamente para a região e para o ato de regionalizar, tomamos como base as ideias desenvolvidas por Haesbaert em suas diversas publicações. Também consideramos o conteúdo proposto pela professora Ana Clara Torres Ribeiro, que nos traz as bases necessárias para entendermos os diversos atores envolvidos neste processo e deixa claro que as diversas questões relativas à regionalização remetem diretamente aos temas da agenda política, tanto em escala nacional quanto global.



## ATIVIDADES

A título de exercício do raciocínio e do conhecimento, indicamos a leitura do Capítulo 1 do livro “Técnica, Espaço e Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional”, da Editora HUCITEC, 2ª. Edição, de autoria de Milton Santos.



## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Como você está percebendo, a complexidade dos temas tratados ampliam-se cada vez mais e a consequência disso é a necessidade de ler constantemente. Sem leitura de forma sistemática e curiosa, destacando termos e temas não entendidos, a assimilação do conteúdo fica prejudicada. Estude bastante... Leia e releia permanentemente cada conteúdo, equalizando o tempo com as demais disciplinas.



### PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, estudaremos o papel do Estado e do Planejamento no Brasil.



### AUTOAVALIAÇÃO

Após estudar todo esse conteúdo será que consigo entender por que e para que é necessário regionalizar? Será que consigo entender os critérios e as marcas históricas do ato de regionalizar? Será que consegui chegar a um denominador comum sobre o conceito de regionalização?

### REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. 10ª Edição, São Paulo: Atlas, 1989.
- CARVALHO, Diana Mendonça de. **A Centralidade Urbana de Itabaiana-Se.: Uma Análise Contemporânea**. Monografia de Bacharelado, São Cristóvão (SE): Departamento de Geografia – UFS, 2009.
- CLEMENTE, Ademir. **Economia Regional: Introdução à Economia do Espaço Geográfico**. 2ª Edição, Curitiba: Ed. da UFPR, 1992.
- HAESBAERT, Rogério. **Região, diversidade territorial e globalização**, In: Geographia, ano 1, no. 1, 1999.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Regionalização: Fato e Ferramenta**, texto impresso a partir de uma palestra conferida pela mesma, Ciência Geográfica, Ano VII, Vol. II, no. 19, 2001.
- RICHARDSON, Harry W. **Economia Regional: teoria da localização, Estrutura Urbana e Crescimento Regional**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975 (tradução de Fausto Guimarães Cupertino – IPE e USP).
- SANTOS, Milton. **Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos**. 2ª Reimpressão, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. 2ª Edição, São Paulo: HUCITEC, 1996.